

nharem a passo grave, os anjinhos vestidos de variadas cores e scitil'antos de galas, no fim do cortejo o povo que agglomerava-se, fremia e acotovelava-se desordenadamente, ao som de uma marcha executada pela banda de musica que fechava o prestito. Durante o trajecto da procissão, vi surgir por cima da multidão, uma mãosinha cor de neve e quasi imperceptivel que accenava repetidas vezes como se quizesse convergir sobre si a attenção de alguém, fitei os olhos n'aquelle ponto e descobri a cabeceinha loura de Alcina que nos braços da ama me sorria e me dizia adeus. Quando eu vi desaparecer aquella alva mãosinha, que d'um dos angulos da rua ainda continuava a accenar-me, senti apoderar-se, de mim uma subita tristeza e desatei a chorar sem saber porque.

Na infancia as alegrias e as dores succedem-se rapidamente, foi bastante uma caricia do minha mãe, para que bem depressa olvidasse aquellas lagrimas cuja origem eu não podia definir.

O tempo porem no seu lento perpassar, veio explicar-me o que então eu não podia comprehender. Essa creança que possuia em grão tão elevado a intuição do intangivel e do sobrenatural tinha-se despedido para sempre de mim, aquelle adeus tantas vezes repetido fora um adeus supremo.

Dous dias após a festa repentinamente ferida por uma molestia fatal, despio o envolvero terreno e voou para a mansão de Deus.

Aquella singular creança não tinha ainda completado a sua terceira primavera, quando deixou de existir.

Ha desoito annos que ella repousa no seu gelido e eterno leito, mas na minha mente revive sempre; é que as impressões da infancia são inolvidaveis; e não se extinguem jamais.

ANALIA EMILIA FRANCO

Anno III — S. Paulo 1 de Agosto de 1900 — N.º 18

ALBUM DAS MENINAS

REVISTA EDUCATIVA DEDICADA ÀS JOVENS
BRAZILEIRAS

PROPRIEDADE DE ANALIA EMILIA FRANCO
GRATIS ÀS ESCOLAS PUBLICAS D'ESTA CAPITAL

ENDEREÇO: Largo do Arouche, 58.

A'S MÃES E PROFESSORAS

As mulheres não serão mães, em quanto não souberem trabalhar pelo desenvolvimento da alma dos seus filhos. *Aimé Martin.*

A nossa vida nada vale se não serve para a educação religiosa do nosso coração. *M. Néker.*

Apoz alguns mezes de interrupção, volto de novo ás pugnas do jornalismo, afim de cumprir a sagrada missão que por Deus me foi imposta na sociedade, animada por esse amor de que Christo nos deu o mais sublime exemplo, quando instruindo os seus dissipulos só deixou dimanar dos seus labios palavras de caridade e amor.

E effectivamente o amor é o unico e eterno fundamento da educação; por isso é a mãe quem primeiro deve começar a educação dos filhos, porque os nossos sentimentos mais perduraveis são aquelles que recebemos ainda no berço entre as meigas caricias de nossas mães.

A mulher assumindo o sagrado titulo de mãe, necessariamente ha de exercer uma influencia poderosa sobre os destinos da familia, e é ella quem tem de implantar no coração dos seus filhos, com a mesma feição característica as ideias e conhecimentos que lhe foram inculcadas.

E se ella tiver as luzes precisas, podemos estar

certa de que a voz da virtude e da sciencia dimanada dos labios de uma mãe, ha de gravar-se mais intimamente no coração dos filhos.

« E' de certo ao nosso sexo, diz J. de Maistre, que pertence formar geometros, tacticos e chimicos, mas o que se chama homem, isto é o homem moral, se não for formado no regço de sua mãe, ha de ser sempre um desgraçado. Nada pôde substituir essa educação. E, se a mãe principalmente teve a peito seu imprimir na frente de seu filho o character divino, podemos estar certos de que jamais a mão do crime o apagará. »

Na sociedade antiga era tão desconsiderada a mulher que não podia sahir do gynceo da familia sem que lhe manchasse a frente o estigma da infamia como aconteceu ás Sephos, Aspazias e Corinss. Felizmente porem em nosso seculo já a mulher pôde tambem tomar parte nas locubrações do espirito, e convenientemente educada constituir uma das forças de que melhor nos podemos servir para que por meio da educação engrandecemos a nossa patria. « Daime a educação de um povo disse Leibnitz, e eu renovarei a face da terra. » Tal é o grande poder da educação. Nos Estados Unidos onde a instrucção tem attingido o maior gráo de desenvolvimento; o que tem contribuido em grande parte para a immensa prosperidade do paiz, dizem ser isto devido talvez a achar-se quasi toda a instrucção primaria confiada á mulher.

A historia, tambem ahí está para justificar esta verdade. Por entre essa pleiada de homens que tornaram-se notaveis pelas virtudes, pelos talentos, e pela coragem distinguem-se mais particularmente aquelles, cujas mães souberam encaminhar desde a infancia os seus tímidos passos, pela senda da virtude e do dever, secundando efficazmente os esforços dos professores.

Entre os muitos e complicados deveres das mães e educadores é a escolha dos livros para instruí-los um dos mais difficeis mormente n'este seculo em que vae se introduzindo paulatinamente nas familias livros, que abalando todas as crenças religiosas tendem a materialisar a mocidade. Uma das causas mais geraes que dão lamentaveis resultados á educação da infancia é essa

cultura intellectual nulla, inutil e as mais das vezes perigosa, quando dirigida sómente á intelligencia, sem um sentimento superior ás vicissitudes da miseria, sem fé religiosa para reanimal-a e defendel-a nos rudes combates da vida. E' preciso pois que a creança não imagine que esta vida é tudo, e perca de vista a causa essencial, por isso ha necessidade de pol-a o mais possivel em contacto com Deus pela prece e pela pratica do bem. Um dos elementos educativos que convem não pôr de parte, são os contos moraes, e quando elles nos representam uma aprendizagem da vida terão sempre uma eloquencia muito superior aos outros meios, visto que os conselhos e as advertencias cansão e enfatião quando se dão de um modo didactico e só por auctoridade. Não ha nenhum inconveniente em fazer com que as creanças tomem interesse por soffrimentos ficticios, quando teem dentro em pouco de se encontrar á frente dos desgostos humanos. Alem disso Jesus, o Divino Mestre deixou-nos um sublime exemplo a imitar recorrendo a ficções historias e apologos para gravar d'um modo agradável a verdade que queria ensinar, ou o sentimento que pretendia inspirar. Penelon esse grande prelado que tão bellas lições deixou-nos aconselhava muito instruir ás creanças por meio de contos e historias porque deste modo reteem facilmente o que se lhes ensina.

Está claro que assim fallando não pretendemos ensinar tudo por meio de historias e contos, mas ha muitas cousas que se aprendem melhor e com mais proveito por este methodo.

Desejando pois contribuir com o meu fraco contingente a bem da educação da juventude o « Album das Meninas » publicará todos os contos que me parecerem proprios para a elevação moral da mocidade. Confiando muito na Providencia Divina espero não desmerecer jamais a benevolencia que se dignarem dispensar-me. Ao terminar não posso deixar de exarar aqui a minha indelevel gratidão a uma dessas almas nobres e bemfazejas que occulta modestamente na penumbra todo bem que faz, a qual garantiu-me o seu valioso concurso a bem da causa que abraçei. Tenho a mais ardente convicção de

que a nobre e generosa hombridade o zelo e incansavel esforço com que ha muitos annos trabalha pela regeneração da sua patria adoptiva hão de vencer todos os obstaculos que se lhe antepe á excolça propaganda da conquista dos progressos moraes, transformando em realidade os grandes ideaes do seu elevado e generoso coração.

São Paulo, 1 de Julho de 1900

ANALIA FRANCO

AS PRELECCOES DE JESUS

I

Sobre todos os seres da humanidade levantam-se os heroes e os genios que sublimaram a sua patria, ou contribuíram com as suas luzes para o bem universal, e sobre o conjuncto de todos os genios e heroes, levanta-se e resplende Jesus, a alma, a vida, o centro e o verbo dos verdadeiros ideaes. Nos confins da Galliléa, escolhe o divino Mestre o scenario em que devia traçar os lineamentos da redempção humana. É o seu templo o deserto, o seu pulpito uma montanha ou uma barca nas orlas verdejantes do lago, debaixo de uma cupula azul de profundidade infinita, no meio d'uma natureza no mesmo tempo risonha e grandiosa. E n'esse scenario, cuja extramba suavidade e infinito encanto se travam em maravilhosa harmonia com a alma idyllica e maviosa de Jesus, levanta-se elle perante o mundo e talha a concepção mais grandiosa do destino humano. A turba fiel que o segue constantemente é composta de piedosas mulheres, doces creanças e singelos pescadores, creaturas simples e boas que pela primeira vez ouvem proclamar o direito dos fracos e humildes, a santificação das dores, fazendo d'elles a escada prodigiosa da perfeição, a divinisação das lagrimas com o mavioso estímulo das eternas recompensas. As suas preleções, unidas de mysterio para uns, e para outros d'um sentimento que move-lhes os corações e excita o enthusiasmo, ora ferem e faiscam centellas vivas, dominando absolutamente com a omnipotencia de sua palavra divina a multidão surpresa e assombrada aos seus pés, ora revestem-se de enternecidas recordações e de narrati-

vas singelas feitas n'uns tons de exhortação pathetica e de terna unção, que até então não tinham sido ouvidas.

O seu modo inexcodivel de dizer, o estilo suave e doce, a sinceridade evidente, a transfusão de sua alma com o auditorio que o escutava, produziam a vibração unisona de seu coração com os corações que o ouviam, operando sobre todos um magico resultado. E foi assim que Jesus fundou um culto puro, sem data, sem patria, sem praticas exteriores, baseado todo nos sentimentos do coração, na immediata relação da consciencia com Deus, e na imitação das suas perfeições; culto cheio de eterna poesia, de divina e melancolica harmonia, em que a fé, a liberdade, a honestidade, a dedicação, a ideia sublime do Bem e a fraternidade universal apparecem em larga copia, descerrando aos vãos d'alma, seus horisontes immensos e aos vagos sonhos da mente os purissimos mananciaes da inspiração, o culto enfim que as almas elevadas hão de celebrar até o fim dos tempos. É, porém, fóra de duvida que o ideal cusinado por Jesus, ajuda não pôde ser attingido na terra, mas os esforços empregados para a approximação tanto quanto possivel desse ideal é que têm produzido até hoje tudo o que ha de bello e bom na humanidade.

O divino Preleccionista escolhe para seus discipulos homens do povo humildes e simples que pela sua humildade haviam de vencer, fazendo uma immensa revolução social, invertendo as classes do modo que os pobres e humildes d'uma existencia suave, regrada e contemplativa é que seriam os proferidos de Deus, ao passo que os ricos e os orgulhosos seriam os desherdados. E por isso no dia em que Jesus do alto da montanha proferiu, pela primeira vez, estas palavras: «felizes os pobres de espirito, porque d'elles é o reino do céo» assignalou uma profunda verdade, e com ella a base sobre a qual repousaria a religião eterna. E, effectivamente, por mais que o mundo, no seu descomunal orgulho, parodiando ironicamente as palavras do divino Mestre, dé o epitheto de pobres de espirito ás almas crentes e simples, são elles em verdade os mais felizes no doce enlevo em que vivem, tendo a lhes tremeluzir no coração a chama suave e forte do amor de Deus, descansam n'Elle para o que cumpre á satisfação das suas necessidades, tomando por norma principal o olharem a influencia absorvente da vida, material como um obstaculo, que abafa-lhes os germens do

todo bem. E são estas almas desdenhadas e desconhecidas, aquellas talvez a quem é dado contemplar o universo na sua origem ideal e a cuja consciencia divinamente lucida Deus por vezes apraz-se em revelar-lhes os seus mais augustos segredos.

Ninguém antes nem depois de Jesus exemplificou em toda a plenitude a sublimidade d'uma alma pura e crente, cuja bondade sympathica e effusiva encheu e animou a maior lenda que resplendeu em todo o orbe, e que segundo as palavras d'um distincto orador se resumem assim: «Jesus, só, revolveu as consciencias das gerações e remodelou o reino do espirito, elle, só, entrou no tugurio do desgraçado para levar-lhe com o sentimento de sua dignidade a esperança de sua redempção, elle, só, prégou a humildade que desbravava o passado e o amor que polimentava o futuro; elle, só, afirmou que não havia grandes nem pequenos nobres nem plebeus, servos nem senhores, havia somente homens perfeitamente congeneres rigorosamente irmãos, elle, só, varreu todas as castas, espancou todos os privilegios, prefixou uma justiça a todas as gentes, accendeu um ideal a todas as nações, liberalizou uma verdade, um destino, um céu a todas as almas e, feito isto do alto do seu patibulo inclinando a cabeça e distendendo os braços á humanidade, morre ás mãos do homem para redimir e salvar os homens—morre por todos para dar vida a todos.»

Ah! não morreste, não, ó martyr glorioso! Por mais que o tempo passe, por mais que o homem cresça, os lampejos do teu immenso e immortal e santo espirito pairam por sobre os escolhos do mundo, e a tua excelsa doutrina, qual pharol esplendoroso, illuminará sempre as consciencias rectas, prefixando nas almas singelas e crentes os mais santos, os mais puros de todos os ideaes—a Fé e a Liberdade. Não morreste, não, existes na obra inenarravel, extra-humana que consolidaste para sempre, despedindo aos sores da humanidade torrentes de luz e de amor.

Feliz a intelligencia superior que na tua crença, ó Christo, encontre todos os incomparaveis thesouros e caudões limpídos que lhe satisfazem o espirito nas frementes aspirações da Verdade, nas suas intensas necessidades do Bem, e nos seus vehementes anhelos do Bello.

Para elle a morte não tem as suas sombrias desolações, porque na lousa do sepulcro, firma-se magestosa e sorridente a esperança que lhe aponta as mysticas regi-

ões do infinito, para onde a alma propolida pela fé e a-nhelante de luz e de verdade, vòta em busca da infinita perfeição.

S. Paulo, 9 de julho de 1900.

ANALIA FRANCO.

CELINA

(CONTO PARA CRIANÇAS)

Em uma extensa planicie que se prolonga á margem esquerda do caudaloso Tieté, ainda não ha muito tempo existiam os vestigios de uma pequena propriedade rural. N'essa modesta vivenda, residiam duas pessoas muito virtuosas—mãe e filha. Viuva ainda moça e proprietaria de alguns terrenos proximos á sua morada, a senhora Ida como era muito activa concedeu-os a um seu visinho de reconhecida probidade para cultivar-os e repartir com ella o producto das terras.

Desde muito cedo cuidou com todo desvelo d'uma mãe verdadeiramente christã, na educação de sua unica filha por nome Celina. Esta aprendeu a ser religiosa e a amar a Deus sem faltar com os deveres do seu estado. Alem disso acostumou-se a ver com olhos compassivos as miserias dos pobres, e a sentir quanto é indigno da humanidade que certos jovens que tem tudo não conheçam limites no seu superfluo, em quanto seus semelhantes soffrem a miseria, porque lhes negam sem piedade o necessario. Não tendo herdado fortuna alem do pouco rendimento das suas terras, eram obrigadas a fazerem todos os trabalhos domesticos por suas proprias mãos, e fabricavam tambem a farinha de mandioca que era o principal alimento dos habitantes d'aquelles arredores.

E como do pouco que possuiam ainda sabiam repartir com os mais necessitados do que ellas, Deus lhes abençoava os haveres augmentando-os sempre.

A pequena casa estava sempre muito limpa e bem arranjada, graças aos cuidados da viuva e de Celina que

tinha attingido aos seus doze annos. Essa agradável morada estava situada no centro de uma bella campina por onde corria um claro ribeiro que ia desaguar no Tieté.

Nas suas margens alfombradas pastavam as cabras e alguns carneiros que possuíam.

Em volta da casa via-se diversas avenidas de laranjeiras e jaboticabeiras plantadas pelos avós de Celina. Por entre essas arvores, os passarinhos tinham feito os seus ninhos, e todos os dias pela manhã pouzavam na janellinha do quarto de Celina, afim de receberem a sua ração de arroz e alpiste que ella tinha o cuidado de lhes distribuir. Ora era um bando de mimosos canários amarellinhos; com as cabeças cor de fogo, que trinavam alegremente nas arvores junto á sua janella. Ora os gentis papa-arroz com a sua alva colleirinha, sobresa-hindo por sobre a plumagem negra.

A estes reuniam-se por vezes os alegres pintasilgos, e até os gulosos tico-ticos, madrugadores infatigaveis, os primeiros que recebiam a sua raçãozinha. Celina comprehendia muito bem a gratidão d'estas avesinhas no alegre bater das azas com que ellas a saudavam a seu modo, assim que a avistavam. E vendo o reconhecimento dos passarinhos para com ella, agradecia do fundo de sua alma, os beneficios que de Deus recebia a cada instante, e tambem a sua mãe os cuidados e desvelos que lhe prodigalisava. Ouvia com submissão os seus conselhos e advertencias, estando prompta a sacrificar-se por ella se preciso fosse, visto que não só lhe devia a vida, como por se ter desvelado por ella desde que nascera.

Provava a sua gratidão a Deus, obdecendo fielmente aos seus divinos preceitos, e a sua mãe seguindo todos os seus conselhos e ordens com extrema docilidade. Como sua mãe a tinha educado na lei do trabalho a auxiliava em todas as occupaões da casa, convicta de que Deus gosta de ver os meninas sempre empregadas em trabalhos uteis. Ella sabia muito bem que as mulheres mais distinctas da antiguidade princezas e rainhas, entregavam-se aos trabalhos proprios do seu sexo; faziam

vestuarios de lã e outros tecidos, e não desdenhavam nenhum dos trabalhos que outras teem considerado em nossos dias como uma deshonra. Assim pois Celina logo que voltava da escola que havia na Villa proxima á sua casa, empregava-se com sua mãe no fabrico da farinha de mandioca, que todos os sabbados mandavam vender no mercado.

Celina descascava a mandioca e a passava pela roda de cevar, empregando todo o cuidado para não cortar os seus dedos nos dentes da roda, depois a collocava n'um cesto chamado tapeti que sua mãe levava para a prensa onde apertava até que escorria completamente o succo.

Ha certas mandiocas que são venenosas. Essas não servem para comer, apenas se fabrica com ellas a farinha e a tapioca, tendo todo o cuidado de deitar o succo immediatamente fóra, e de modo que nenhum animal domestico possa baber, porque o matará logo em seguida. Da massa que ficava no cesto, ella torrava no forno e fazia a farinha, bem como saborosos beijús com os quaes Celina presenteava a professora e as collegas. No caldo da mandioca depois de escorrido ficava no fundo da vasilha a goma ou amydo. Celina lavava por diversas vezes e fabricava a tapioca secando-a ao sol. Por vezes ella fazia tambem excellentes beijús de tapioca e côco; o dinheiro da venda dos beijús sua mãe lho dava para a compra dos seus livros e dar algumas esmolas aos pobres. Era tambem com esse dinheiro que ella comprava o alpiste para as suas aves favoritas e o arroz para o sustento dos pintinhos confiados ao seu cuidado. Como vestia-se sempre modestamente sem nenhuma affectação de luxo, tinha sempre o que dar aos pobres.

Sua mãe lhe ensinava muitas vezes que o luxo corrompe os bons costumes, excita a cobiça, acostuma ás intrigas e ás baixezas, derrocando pouco a pouco os alicerces da probidade. Ella escolhia para a leitura que todas as noites Celina lhe fazia junto á lareira, livros de agradável leitura e sã-doutrina em que ella aprendia bons principios, santas maximas e se instrua em cousas uteis recreando ao mesmo tempo o seu espirito em bel-

los pensamentos e seu coração em affectuosos sentimentos. Num desses livros uteis dizia que quando se descobriu o nosso caro Brazil já ahí se achou a mandioca a qual muito aproveitava aos indigenas que a cultivavam para seu alimento, e que era com a mandioca e o milho que elles faziam a bebida chamada caoim uzada nas suas festas. Se bem que os indios cultivassem a mandioca não se sabe se é ou não originaria do Brazil, pois diziam ter-lhes sido trazida por um velho veneravel chamado Tzomé ou Zome. Tudo isto que Celina lia no livro e muitas outras cousas uteis e proveitosas que sua mãe escutava attentamente emquanto caldava ou fiava de noite a lã que lhes forneciam os seus carneiros e com esses fios fiados bem fino Celina tecia as roupas que as abrigava do frio. Assim viveram por muitos annos mãe e filha estimadas e respeitadas n'aquelles arredores fazendo o bem que podiam, de modo que jamais um pobre se chegava a essa casa que não fosse favorecido; e Deus continuava a abençoal-as e a premiar suas virtudes com muitas graças e prosperidades.

Alguns annos depois Celina desposou o filho d'um lavrador seu visinho, moço de bons costumes, temente a Deus e que a amava muito por ser ella tão meiga, quanto activa e amavel para com todos. A virtuosa mãe de Celina ainda viveu por alguns annos, vendo a felicidade de sua filha, e dos seus netos que foram educados como Celina. Esta excellente familia era citada por todos quantos a conheciam, como um modelo de generosidade e beneficencia. Os bellos exemplos das virtudes que a distinguiam contribuíram muito para que outras familias as imitassem tambem, provando assim que se o contagio do vicio é funesto, o da virtude ao contrario produz os mais preciosos bens.

ANALIA FRANCO.

A AGONIA DE JESUS

Sombria noite silenciosa prepassava
Involvendo a terra em sombrio manto;

Nem uma estrella no céu brilhava,
Nem do mocho ouve-se o funereo canto.

Mystica luz fulge na espessura
Das nuvens que o Horto envolviam
E os echos tristes n'essa noite escura
Onze horas magoadas repetiam.

Alli, a sós o meigo Jesus orava.
C'os olhos tristes p'ra o céu volvidos
E o agro pranto que nas faces revelava
Pende qual pe'rias sobre os labios lividos.

O fundo silencio que então reinava,
Por sua doce voz foi interrompido
E muito alem soluçante expirava,
O divino accento de candor sentido.

« Afastai meu Pae este calix d'amargura,
« Que m'infunde n'alma cruel afflicção;
« Não quero do mundo fallaz ventura,
« Mas só dos homens a salvação.

« Esquecei os erros da fragil existencia,
« E attendei sómente a minha afflicção,
« Oh! por quem sois tende clemencia,
« Dos mortaes todos sem excepção!

« Mas se assim vós o não quereis
« Faça-se a vossa, e não minha vontade
« Que submisso e prestes me vereis.
« A soffrer mil vezes pela humanidade.

« Os terrores da morte já me vem gelar
« E a perda dos homens entristecer
« Ah! ninguém commigo quer velar!
« Todos me abandonam até morrer.

— Assim fallando elle empalideceu
E os divinos olhos tristes abaixou,

E do seu peito que a dor entristeceu
Fundo suspiro com agonia exhalou.

Foi tão grande essa dor terrível,
Qu'exausto cahiu sobre a terra fria
E o Eterno—Mysterio incompreheſsivel,
Recusou-lhe a supplica, que com ardor fazia.

Mas, de repente uma luz scintillante
Rápida baixou do céu no Horto,
Era um anjo formoso e radiante
Que a Jesus, veio dar conforto.

Com uma inflexão da mais torna melodia,
Elle, meigamente começou a fallar;
Tinha a sua voz tão divinal magia
Que amargas dores podia suavizar.

«—Não chores, diz-lhe, os que vão soffrer,
Que por fatal dureza prescitos são;
Tu vaes triumphante, ao limbo descer,
A dar ás almas santas a redempção.

«A phalange dos martyres será tão amante
«Da tua lei, que por ella ha de dar a vida,
«Será tão firme e tão constante,
«Qual dura rocha pelo mar batida.

«Essa tua lei santa prevalecerá constante,
«Entre a tormenta da cruel oppressão,
«Fulgindo os raios de sua luz brilhante
«Desde a terra, até á celestial mansão.

—Ao sentir Jesus aquelle accento mago,
Suevisar a dor que lhe opprimia,
Dispertou Pedro, João e Thiago
E os mais apóstolos, que além via.

«—Vamos, diz-lhe a buscar o trahidor
Que com passos largos já se avizinha,

Armai-vos todos de intrepido valor
Ao verem os tormentos da mente minhã.

Assim fallando com elles se sumiu
Nas trevas dessa noite escura;
E no horto nada mais se viu,
Que densa nuvem de negra expressura.

Ainda hoje a solidão veio infundir
Alli uma tristeza intensa,
E os echos magoados parecem repetir
Os gemidos d'aquella dor immensa!

ANALIA FRANCO

AS RUINAS

Nas orlas d'um extenso bosque junto á cidade de ***
existem ainda os restos de uma grande edificação, que se-
gundo diziam os antigos pertencia ao seculo precedente
aos jesuitas.

Aquelle vetusto edificio, cujos restos se ostentavam
negros, sinistros á entrada das florestas, apesar da solidez
com que fora construido, não pôde resistir incolume á vio-
lencia do tempo. De todos os lados appareciam os seus fra-
gmentos, montões de pedras, muros derrocados, paredes de-
negridas, cheias de feudos e cobertas de parasitas eervas
rasteiras. Em summo os unicos despojos da sua passada
grandesa e magnificencia que conseguiram escapar á des-
truição do tempo occultavam-se envergonhados na espessa
sombra projectada por grandes arvores tão sombrias e tão
antigas como as ruinas que ellas cuidadosamente abriga-
vam. O lugubre silencio que alli reinava era interrompido
de quando em vez ou pelo grito estridente das aves notur-
nas que habitavam no mais recondito das ruinas, ou pelo
zunido do vento, nas fendas das suas desertas ameias, pa-
recendo entoarem uma canção elegiaca aos seus tristes
despojos. Uma sangrenta tradição que de paes a filhos, fora
transmittida aos ingenuos e supersticiosos habitantes da
villa proxima, e que elles religiosamente conservavam
afastava com espanto d'aquelles arredores, todo ser huma-
no. Na pequena villa de *** ninguem mesmo ousava star

aquella mansão maldita.

Era só depois de atravessar-se um extenso atalho assaz ingreme que se via situado á beira da estrada que conduz á villa de *** a modesta casinha d'um respeitavel ancião por nome Gerardo, a qual ficava não mui distante das ruínas. A aprazível vista que d'alli se goza offerce um verdadeiro contraste com a apparencia tristonha e alpestre do vetusto edificio.

Na frente da casa vê-se um pateosinho ladeado de roseiras, e fechado por uma ligeira sebe, onde o maracujá entrelaçando as suas flexiveis hastes formava uma especie de muralha da mais virente e espessa vegetação. Abrigada e protegida pela sua amena frascura, a relva viçosa e macia como alfombra, estende allí mimosas alcatifas de verduras.

No fundo da casa ha um pequeno terreno bem fechado e provido de aves galinaceas, tendo no centro um arroio, cujas aguas capuzadas sobre um leitosinho de pedras, iam mais abaixo fazer mover o moinho. D'outro lado vê-se o pequeno pomar onde a laranja o arlicunho a mangaba e o jambo espalham dos seus fructos deliciosos os mais agradaveis perfumes, ostentando a sua linda folhagem, a cuja sombra espessa e amena, abriga-se do sol ardente no pino do dia um pequeno rebanho. Mais alem nas faldas d'uma pequena colina ergue-se a modesta villa de ***. As suas casas agglomeradas n'esse terreno levemente accidentado e revestido de verdura offerciam a mais encantadora perspectiva.

No centro da villa erguia-se uma singella capellinha em fórma de arco triumphal situada n'uma imminencia assaz elevada, tendo d'um lado o pequeno cemiterio com as suas cruces formadas de duas lascas de pau pintado, em algumas das quaes via-se como unico epitaphio uma simples corda de perpetuas. Na pequena habitação alem do ancião vivia tambem sua filha Cecilia e uma netinha por nome Floriza que era o seu idolo.

Floriza jamais conhecera seu pae que deixara de existir quando ella começava a segunda primavera. Cecilia sua mãe privada do esposo que tanto amara circunscreveu desde então todos os seus cuidados na filha, e no pae já muito velho e bastante enfermo, em cuja companhia passou a viver. Uma mediocre pensão que herdara do marido, mantinha ao abrigo das necessidades aquellas tres existencias vinculadas pelas preciosas laços do sangue e da sympathia.

Aos doze annos Floriza tornara-se uma interessante menina, possuindo uma admiravel cabeça com largas madeixas louras; olhos negros e luminosos. labios nacarados e a todo instante descerrados pelo riso fresco e crystalino dos anjos. No olhar, onde se espelhava a serenidade e candura de sua alma angelica, tinha ao fixar-se na mãe ou no avô uma indiscriptivel expressão de meiguice. A mãe adorava-a e ninguem a podia ver sem amala.

Quanto ao avô nada poderia comparar-se á extraordinaria e poderosa sympathia que consagrava á neta. O seu semblante naturalmente bondoso expandia-se sempre n'um sorriso de intima felicidade quando a via desde a manhã a chilrear pela casa, descuidosa e traquina nessa alegria candida, festiva e inconsciente da primeira idade.

Dirse-hia que a sua existencia abatida pelo peso dos annos e dos soffrimentos, amparava-se e fortificava-se suspensa aos olhos da neta. Apenas os primeiros reverberos do arrebol appareciam no horisonte, Floriza que tinha então doze annos, despertava e punha em movimento toda a casa com a sua voz fresca e alegre como um gorgelão d'ave.

Corria á fonte, e conduzia a água, com a qual durante o dia Cecilia lhes perpassava a refeição. que todos os tres pela manhã tomavam junto á porta, por entre revoadas de passaros e aves domesticas, a quem ella diariamente repartia as rações de milho e arroz. Em seguida sahia com o avô ao nascer do sol. afim de respirarem o ar fresco e puro das auras matinaes. Tio Gerardo sentia que as suas forças se centuplicavam ao contacto daquella existencia alegre e irrequieta, que por um condão especial tinha o poder de communicar-lhe todo o seu viço, toda a sua mobilidade.

Ora ella obrigava-o a parar no seu caminho, para examinar um insecto inoffensivo pousado sobre a herva, ou para colher uma flor mimosa, que ella não podia alcançar; ora fazia-o escutar o sussurro das folhas, ou o gorgelão amoroso de um canario escondido no bosque.

Saltava alegremente em torno do avô, calcando com os seus delicados pésinhos a relva alfofrada pelas gottas brilhantes do orvalho matutino; depois ruborisada e exhausta de fadiga, sentava-se ao pé do avô, á sombra de uma vetusta mangabeira, tendo o avental repleto de flores variegadas e insectos multicores.

Tomava o chapeo do ancião, cujas amplas abas vergavam ao peso dos festões verdes e fioidos que ella lá allí deitava. Em seguida collocava-o sobre a cabeça e a face.